

Petróleo para financiar a transição energética

No encerramento da Cúpula de Líderes, Lula anuncia fundo que terá recursos arrecadados com a exploração de combustível fóssil para bancar energias limpas e ações climáticas. Na avaliação de especialistas, há incoerência na postura do presidente



» VICTOR CORREIA
» VANILSON OLIVEIRA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou que o Brasil vai criar um fundo com o objetivo de usar recursos da exploração do petróleo para financiar a mudança para energias mais sustentáveis. Ele discursou durante sessão temática da Cúpula de Líderes da COP30 que tratou de transição energética. Ontem foi o último dia do evento, que reuniu chefes de Estado e líderes internacionais em Belém para iniciar as negociações da Conferência do Clima.

A postura de Lula é criticada por especialistas, que defendem a redução do uso de combustíveis fósseis, sem a exploração de novas reservas. O governo federal, porém, autorizou a perfuração de poços na Margem Equatorial, Região Amazônica, poucos dias antes da COP30.

Numa mostra da contradição de seu posicionamento, Lula também disparou críticas ao financiamento global ao setor de petróleo e gás, mas reforçou que o afastamento dos fósseis será gradual. Pediu aos líderes, ainda, que quadruplicem o uso de biocombustíveis até 2033.

“Há espaço para explorar mecanismos inovadores de troca de dívida por financiamento de iniciativas de mitigação climática e transição energética. Direcionar parte dos lucros com a exploração de petróleo para transição energética permanece um caminho válido para os países em desenvolvimento”, discursou o chefe do Executivo. “O Brasil estabelecerá um fundo dessa natureza para financiar o enfrentamento da mudança do clima e promover justiça climática”, acrescentou.

O chefe do Executivo não esclareceu, porém, se a iniciativa será interna, aos moldes do Fundo Social do Pré-Sal, ou se poderá ser acessada por outros países, como o Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF), lançado na quinta-feira. Esse último vai financiar medidas de conservação das florestas em países em desenvolvimento. Os rendimentos do fundo serão aplicados para esse fim e trarão retorno para os investidores, aumentando a possibilidade de adesão dos países. A meta é arrecadar US\$ 25 bilhões em investimentos de ações soberanas, e US\$ 100 bilhões em investimentos particulares.

“Sem equacionar a injustiça de dívidas externas impagáveis e sem abandonar condicionalidades que discriminam os países em desenvolvimento, andaremos em círculos. Um processo justo, ordenado e equitativo de afastamento dos combustíveis fósseis demanda o acesso a tecnologias e financiamento para os países do Sul Global”, frisou.

Logo no início do discurso, o chefe do Executivo destacou que pensa na transição energética como meta de longo prazo, a ser atingida de forma gradual. “Já sabemos que não é preciso desligar máquinas e motores, nem fechar fábricas ao redor do mundo de um dia para o outro. A ciência e a tecnologia nos permitem evoluir de forma segura para um modelo centrado nas energias limpas”, declarou.

Em seguida, argumentou que o Brasil é líder em energias sustentáveis, investindo em larga escala



Lula: “Direcionar parte dos lucros com a exploração de petróleo para transição energética permanece caminho válido para países em desenvolvimento”

A “foto de família” da Cúpula de Líderes da COP30

Ricardo Stuckert/PR



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva iniciou o último dia da Cúpula de Líderes da COP30 com a tradicional “foto de família” de eventos internacionais. Entre as autoridades, estavam os presidentes do Chile, Gabriel Boric; e de Comores, Azali Assoumani;

o secretário-geral das Nações Unidas, Antônio Guterres, e a presidente do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), Dilma Rousseff. Segundo a organização do evento, mais de 40 chefes de Estado participaram do evento, e a COP30 reunirá, ao todo, 140 delegações

oficiais. O evento que antecedeu a COP30 foi marcado por novas negociações em relação ao Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF, na sigla em inglês), uma das principais apostas do Brasil durante as reuniões em Belém.



Já sabemos que não é preciso desligar máquinas e motores, nem fechar fábricas ao redor do mundo de um dia para o outro. A ciência e a tecnologia nos permitem evoluir de forma segura para um modelo centrado nas energias limpas”

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

desde os anos 1970, e com 90% da matriz atual baseada em fontes renováveis, como a hidrelétrica. Enfatizou, ainda, o uso de 30% de etanol na gasolina e de 15% de biodiesel no diesel. No entanto, criticou a demora

do mundo em abandonar os combustíveis fósseis, citando que, desde o Acordo de Paris, assinado há 10 anos, a participação deles na matriz global caiu apenas de 83% para 80%.

“Os incentivos financeiros, muitas vezes, vão no sentido contrário ao da sustentabilidade. No ano passado, os 65 maiores bancos do mundo se comprometeram a conceder US\$ 869 bilhões para o setor de petróleo e gás”, afirmou.

Ao fim do discurso, o presidente citou três passos que os líderes mundiais presentes na COP30 devem seguir para avançar na agenda climática: implementar o Acordo de Dubai, feito durante a COP28, de triplicar a energia renovável e dobrar a eficiência energética até 2030; colocar a eliminação da pobreza energética no centro do debate, com metas para uso de combustíveis limpos para cozinhar alimentos; e aderir ao Compromisso de Belém para quadruplicar o uso de combustíveis sustentáveis até 2035 e acelerar a descarbonização dos setores mais desafadores.

Em entrevista em Belém, o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, disse desconhecer o novo fundo, mas saiu em defesa das

declarações do chefe do Executivo. “Acompanhei o presidente Lula em mais de 100 (reuniões) bilaterais e sei quanto ele defende a mudança da matriz energética global, mas que seja feita seja feita de forma justa, inclusiva e equilibrada”, destacou.

Também ontem, a presidente da Petrobras, Magda Chambriard, comemorou os resultados do terceiro trimestre da empresa, com lucro de R\$ 32,7 bilhões — 23% superior ao período anterior —, e ressaltou que quem apostar contra a companhia “vai perder” (leia reportagem na página 7).

Incoerência

Após o discurso de Lula, o Instituto Internacional Arayara criticou a falta de coerência entre o que prega o presidente e as ações do governo, apontando que o Brasil já possui um “mapa do caminho” para essa transição, mas ainda mantém políticas e incentivos que favorecem o setor fóssil.

Segundo a organização, há falhas concretas que impedem o avanço da descarbonização. Entre elas, a não contratação do leilão de baterias para armazenamento em

larga escala — essencial para estabilizar o Sistema Interligado Nacional (SIN) — e a manutenção do curtailment, prática que restringe a geração de energia renovável em períodos de sobreoferta, penalizando usinas solares e eólicas.

A Arayara também destacou que Lula deverá decidir até o dia 18 se vetará os subsídios ao carvão mineral previstos no Projeto de Lei de Conversão nº 10/2025, derivado da Medida Provisória nº 1.304/2025, atualmente aguardando sanção presidencial.

“As decisões que tomarmos com relação ao setor energético definirão nosso sucesso ou nosso fracasso na batalha contra a mudança do clima”, afirmou a nota.

A instituição reconheceu a fala do petista que defendeu uma “transição energética justa” e o fim da dependência dos combustíveis fósseis. “O caminho para a transição energética nós já sabemos. Mas, especialmente no Brasil, o lobby dos fósseis tem direcionado as políticas públicas para manter subsídios e incentivos bilionários ao petróleo, gás e carvão”, afirmou John Wurdig, engenheiro ambiental e gerente de transição energética da Arayara.

Alemanha fica só na promessa

O governo da Alemanha anunciou, ontem, que pretende investir no Fundo Florestas Tropicais Para Sempre (TFFF), mas sem divulgar um valor, o que frustra expectativas do governo Luiz Inácio Lula da Silva.

Berlim era a última aposta do presidente para alavancar ainda mais o fundo e as contribuições soberanas de governos, a fim de colocá-lo em funcionamento. Essa fase é vista como essencial para dar segurança a investidores potenciais do setor privado.

O primeiro-ministro alemão, Friedrich Merz, no entanto, afirmou ser certo o investimento do país europeu, mas destacou que a definição da quantia depende de acordo com sua coalizão — o que não tem data para ocorrer.

“O motivo pelo qual ainda não mencionamos valores específicos é simplesmente prático. Precisamos contabilizar isso no orçamento, precisamos revisar a estrutura novamente e, possivelmente, fazer novas propostas sobre como implementá-la. Só então nos envolveremos, e não há absolutamente nenhuma discordância dentro da coalizão sobre não mencionar um valor ou prazo específico hoje”, afirmou Merz. “O fato de não estamos finalizando o valor não é uma evasiva; afinal, dois ou três países mencionaram valores abstratos, outros não”, acrescentou.

Essa será a segunda baixa de países europeus que, há meses, eram sondados e participavam ativamente da discussão sobre o funcionamento e a idealização do TFFF. O Reino Unido ficou de fora da lista de investidores, alegando restrições orçamentárias.

Ao todo, o TFFF já chegou a US\$ 5,5 bilhões na arrançada. Porém, a meta projetada era conseguir dos governos US\$ 25 bilhões — sem um prazo.

Aporte privado

O bilionário australiano Andrew Forrest anunciou o aporte de US\$ 10 milhões no TFFF. Fundador das empresas Minderoo Foundation e Fortescue Metals Group, Forrest protagonizou o primeiro aporte privado no fundo.

Em comunicado publicado pela Minderoo Foundation, Forrest classifica a aplicação como um investimento, não uma doação. “Trata-se de capital filantrópico paciente e de longo prazo, que deve atrair todos os investidores conscientes”, afirmou.

Ele também disse que o TFFF vem como uma estratégia para que governos e instituições consigam rendimentos que, mesmo baixos, ofereçam segurança. “Com o principal objetivo de proteger as florestas tropicais do mundo”, acrescentou Forrest.

Também ontem, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) anunciou que investiu R\$ 7 bilhões na conservação e recuperação de florestas em todos os biomas brasileiros desde 2023. O valor, segundo o presidente da instituição, Aloizio Mercadante, representa o maior aporte da história do banco no setor florestal. (Agência Estado, Francisco Artur de Lima e Wal Lima)